

# **Arquipélago:**

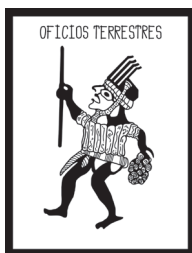
## **Literatura Brasileira**

### **Contemporânea**

#### **(2013-2023)**

**Tomaz Amorim Izabel**

1ª edição  
Ofícios Terrestres Edições  
caminhos abertos  
Campinas-SP  
2023



## ENSAIO

### Para além da ilha de Vera Cruz

07.09.2023

“O mar do Caribe se diferencia do mar Mediterrâneo por ser um mar aberto, um mar que difrata, ao passo que o Mediterrâneo é um mar que concentra. Se as civilizações e as grandes religiões monoteístas nasceram em torno da bacia do Mediterrâneo, isto se deve à força que tem esse mar de predispor o pensamento do homem, mesmo que através de dramas, guerras e conflitos, a um pensamento do Uno e da Unidade. Ao passo que o mar do Caribe é um mar que difrata e leva à efervescência da diversidade. Ele não é apenas um mar de trânsito e de passagens, mas é também um mar de encontros e de implicações. O que acontece no Caribe durante três séculos é, literalmente, o seguinte: um encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se criouliçam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo – a realidade crioula”

(Édouard Glissant. “Introdução a uma poética da diversidade”, Editora UFJF, 2005)

Os gregos olharam para o céu noturno e chamaram a mancha branca e em forma de crescente que viam de *Galaxias kyklos*, círculo leitoso. Os latinos o traduziram para *Circulus lacteus* ou *Via lactea*, nome que ainda utilizamos para nossa própria galáxia. É curioso que esteja escondido no nome genérico de todas as *galáxias* justamente o nome da nossa. Que chamemos todas as outras galáxias pelo nome próprio da nossa casa. Um fenômeno semelhante se dá com a palavra grega arquipélago, que vem de *archi-* (o principal, o primeiro, o mais antigo) e *-pelagos* (oceano, mar aberto). Nas línguas europeias, a palavra arquipélago era usada para se referir ao Mar Egeu e seu conjunto de ilhas, o mar principal, do ponto de vista daqueles que o navegavam. Através dos séculos, outros conjuntos de ilhas receberam o mesmo nome, repetindo de certa forma a nomeação de todas as galáxias a partir da nossa e de todo conjunto de ilhas a partir daquele arquipélago grego “original”.

Este procedimento se repete consciente e inconscientemente através da história, nomear a diversidade com nome próprio. Quando a armada de Pedro Álvares Cabral chegou ao território que é conhecido hoje como Brasil, a opinião majoritária entre a tripulação era de que eles haviam chegado em uma ilha. O território continental foi erroneamente descrito ao rei, na primeira de muitas literaturas de descobrimento, como ilha de Vera Cruz, entreposto no desejado no caminho para as Índias Orientais. Este primeiro “erro de português”, tomar um território gigantesco e complexo por uma pequena ilha, acompanhará o Brasil em sua história política e cultural. É certo que de lá para cá compreendemos a dimensão continental do país, mas o que era ignorância de exploradores se transformou em ignorância interessada. Vimos repetir-se muitas vezes ainda o procedimento metonímico, ou intracolonial, de pretender que uma pequena parte do território, uma ilha, valha pelo todo do país. A cada uma destas diversas fases, o Brasil baiano, o Brasil mineiro, o Brasil carioca, o Brasil paulista, se seguiu um novo “descobrimento” mais ou menos espantado de outros brasis. Um pouco ironicamente, gostaria de emprestar esta imagem neste curto posfácio e corrigir mais uma vez a

perspectiva do descobrimento: a literatura brasileira contemporânea não é uma ilha, por mais que se creia continental – são muitas, é um continente entrecruzado de ilhas, é um arquipélago.

Embora os anos 2000 tenham marcado uma leve mudança no perfil de autores da literatura brasileira (com destaque para escritoras), nos seus últimos anos o contexto literário – entendido em três partes: autores, editoras e leitores – parecia ainda muito mais próximo da década passada do que da que viria a seguir. Exagerando um pouco, seria possível dizer que na primeira década do novo século a ilha de Vera Cruz da literatura brasileira havia aceitado alguns novos habitantes. Mas que, levando em conta sermos um país de mais de 200 milhões de pessoas, de matrizes culturais muito diversas, esta pequena ilha acreditada continente ainda se reduzia a um pequeno grupo de editoras e um tipo muito reduzido de autores, temas e leitores.

Essa cartografia mudou radicalmente nos últimos dez anos. Partindo da ilha de Vera Cruz, onde uma maioria de homens brancos universitários do Sudeste contava suas histórias de vida (com variado grau de qualidade), o leitor navegante encontrou ilhas de tamanhos e características muito distintas e relacionadas entre si de maneiras diversas. Apesar de quase autônomas, se pensarmos em estilo, contexto de produção e circulação, muitas destas ilhas não estão isoladas, porque são ligadas por ventos, correntes marinhas e toda uma fauna e flora que navega entre uma ilha e outra. É um ecossistema variado e as ilhas mais interessantes são justamente aquelas que estabelecem comunicação e trocas com as outras.

Além das mudanças estruturais do fim da primeira década no Brasil, como a ascensão da classe C (que permitiu a muita gente começar a comprar livros), o protagonismo político de grupos ligados a pautas de raça e gênero e, no contexto internacional, as “primaveras” e as “ocupações” populares que se espalharam pelo globo, há mais dois fatores que ajudaram a produzir o novo cenário: a massificação das redes sociais como o Facebook e o surgimento de pequenas editoras chamadas de independentes. Estes fatores estão

intimamente ligados. As plataformas não serviam apenas de espaço de postagem e leitura, mas de comentário e de troca. Formaram-se verdadeiras comunidades de leitores e escritores organizados não em torno de “literatura universal”, mas de temas e formas ligados à sua experiência de vida.

Antes, lançar um livro era considerado um feito para o autor e um certo risco para a editora. Era um investimento que exigia divulgação em veículos de massa e distribuição nas grandes livrarias (que acabavam ficando com grande parte do valor da venda). Eram poucos livros, de poucas editoras, em poucos veículos de grande circulação (como colunas de livros em grandes jornais e revistas), buscando atingir um público amplo, mas minoritário. As redes sociais mudaram esta dinâmica. A distribuição de conteúdo organizado pelo algoritmo das redes permitiu que as editoras independentes, sem influência para acessar os grandes veículos de comunicação e sem orçamento para circular os livros pelas grandes livrarias, pudessem chegar diretamente ao seu público leitor. E não a um público amplo e genérico, mas a um público produzido sob medida para cada autor. Seria excessivo dizer que o algoritmo criou o arquipélago, mas sem dúvida ele ajudou a mapeá-lo e ao longo do tempo a reforçar sua dispersão.

No começo da década passada, o algoritmo do Facebook ainda circulava textos e não privilegiava quase que exclusivamente fotos de corpos humanos. O texto não era punido pelo algoritmo em benefício da imagem e do vídeo curto. De maneira bastante orgânica, pessoas interessadas em literatura eram recomendadas umas as outras. Grupos de publicação, divulgação e discussão, focados em pautas, posições, regiões, gêneros ou outros recortes se formavam. Na época, muitos destes autores não tinham sido ainda publicados e seu cartão de visitas não era o primeiro livro, mas o blog ou a postagem de seus poemas em uma revista digital de prestígio.

O meio, sem dúvida, tem uma importância fundamental no resultado da escrita. Não se escreve em abstrato, mas com caneta ou teclado. O autor escreve também pensando em um determinado

meio de divulgação e este meio é importante não apenas na formação e manutenção das redes de difusão, ou seja, a relação entre leitores e escritores, mas tem um impacto na própria forma dos textos. Por exemplo, nas redes sociais passou-se a privilegiar textos que cabiam em uma postagem, para um leitor desatento e que está atravessado por outros estímulos (comento sobre estes aspectos no capítulo “A clandestina poesia de Facebook”). O autor também tende a publicar de forma mais avulsa, o que faz com que a antologia e a coletânea, mais do que um projeto temático e conceitual, sejam a estrutura preferencial destes textos quando se tornam livros.

Mas nem tudo é calma. Estão amplamente mapeados os efeitos políticos desta câmara discursiva das redes sociais: de um lado, trumpistas e bolsonaristas anabolizados pela Cambridge Analytics e afins; de outro, a difusão de pautas sociais progressistas dos grupos mais diversos por movimentos pouco centralizados e sua infiltração na sociedade geral. São processos simultâneos de criação de redes e de (re)isolamento, uma reorganização discursiva, que também tem suas manifestações e agências estéticas.

Para as editoras independentes e seus autores, no entanto, estas ilhas se mostraram como nichos de mercado preciosos, que passaram a viabilizar financeiramente a publicação de pequenas tiragens de muitos autores. (Outras transformações estruturais viabilizaram o novo negócio, como a possibilidade de imprimir em tiragens menores e mais baratas sobretudo nas gráficas de São Paulo, a modalidade de envio como “registro módicó” nos Correios, a criação do MEI, etc.). As redes ajudaram a organizar um grupo de escritores, mas também um mercado de leitores que – ao contrário do contexto veracruziano, necessariamente elitista – se sentem parte ativa da cena literária, lendo e escrevendo, recomendando, criticando, enfim, promovendo a cena das próprias ilhas. Ali, o leitor é amigo do autor e do editor, é convidado a ir a lançamentos presenciais, onde compra o livro autografado (talvez o primeiro livro comprado como adulto!). Se não puder ir, ele compra o livro direto no site da editora (mais barato do que pagaria em uma grande livraria), ou ainda direto com

o próprio autor. No lugar da grande editora, grande jornal e grande livraria, através da mediação do algoritmo, entra a pequena editora, autor e público.

Outro aspecto desta configuração em arquipélago é a pulverização de estilos, formas e tradições. Esta produção dispersa e insular, a partir dos quatro quadrantes do país e em alta velocidade fez com que a crítica tomasse majoritariamente dois caminhos: ou focava em um nicho específico ou fingia que não havia nada de novo. Frequentemente, fazia os dois: achava legítimo dizer-se especialista em apenas um certo tipo de literatura (slam, universitária, indígena, etc.) e ignorar o resto. Silenciosamente, pareciam argumentar: afinal, não foi isso que os veracruzianos sempre fizeram?

De fato, esta nova cartografia apresenta desafios críticos. Há quem diga, ironicamente, que neste cenário existem mais autores do que leitores. Fato é que todas estas novas cenas literárias exigem também uma ampliação do trabalho da crítica. Isso, sem dúvida, tem faltado, seja pela pouca profissionalização da atividade (quase nunca remunerada), seja pela falta de veículos especializados, seja pela própria timidez de críticos e leitores. Mas não é possível chamar de outra coisa senão de preguiçoso o crítico que reclama de ter livros demais para ler, como se antes, em cenário reduzido, os livros fossem melhores. Não eram, só eram menos e, conseqüentemente, o sarrafo era mais baixo. Agora, com mais diversidade, linguagens, formatos e tradições, se exige do crítico uma versatilidade e uma formação cultural mais ampla. Seu trabalho, no entanto, nunca foi tão necessário. Cabe ao cartógrafo interessado uma tarefa quádrupla: a seleção dos melhores trabalhos (a função original de *krinein* do *kritikos*), a reflexão histórica sobre as tradições que se vão estabelecendo (tarefa de historiografia literária), a análise crítica que revela os procedimentos literários (a análise técnica dos elementos linguísticos) e a interpretação dos significados possíveis entre o texto e o seu mundo (a função hermenêutica da crítica). Ou seja, é uma época extremamente excitante e com muito trabalho para ser feito, o que deveria empolgar qualquer crítico.

Também é importante dizer que, no contexto deste mar revolto, não houve apenas o surgimento vulcânico entre maremotos de novas ilhas, mas houve também uma verdadeira redescoberta de veículos editoriais, grupos de leitores e nichos de mercado que eram ignorados pela cartografia crítica veracruziana. Basta pensar nos “Cadernos Negros”, na “Literatura de cordel” ou na grande abstração chamada de “Literatura marginal”, que sempre estiveram aí, mobilizando seu ecossistema próprio e recebendo pouca atenção dos veículos legitimadores. Estas ilhas escondidas por brumas de raça, classe e gênero, ao estabelecerem rotas marítimas com as outras ilhas, passaram a compor o novo mapa.

A diversidade das ilhas literárias também deve ser entendida para além da circulação, também em sua estabilização de estilos e técnicas. Algumas ilhas produzem uma tradição literária própria, com pouco ou nenhum interesse pela tradição literária oficial, acadêmica e/ou veracruziana. Surge uma diversidade biogeológica, como por exemplo, os diferentes matizes do que se chama genericamente de literatura oral, sua manifestação na literatura ligada ao Slam, na poesia com influência da canção ou dos cantos populares; a poesia influenciada pela velocidade e pelo audiovisual da propaganda; o romance que se debruça sobre material histórico e corrige as narrativas oficiais; a crônica que mobiliza a história familiar para compreender o lugar no mundo do eu-lírico; os contos influenciados pelo cinema pop e pelas séries de serviços de streaming; o texto movido pela afetividade com o próprio território, etc.

Cada ilha vai formando um panteão literário interessantíssimo (paideuma?), rebaixando autores canônicos da tradição e alçando outros autores considerados menores. Estão atentos para a literatura estrangeira e muitas vezes sentem-se mais cidadãos dela – a literatura afrofuturista, a literatura lésbica, a literatura dos animais – do que do arquipélago nacional. Em pouco tempo, observa-se a sedimentação de temas relevantes e procedimentos formais específicos.

Com o acúmulo, parece haver dois caminhos: se não há renovação, surge também um cansaço pela repetição, o naufrágio ou a imigração em massa; ou, nos casos mais interessantes, a especialização é

tamanha que estas pequenas tradições acabam se tornando pequenas literaturas insulares. Outros leitores, que passaram tempo demais exclusivamente na própria ilha, se surpreenderão muito ao chegar em outra, ao ponto de perguntar: isso também é literatura?

Ou seja, é muito difícil de um ponto de vista externo – que não seja o do espaço sideral – falar em literatura brasileira nos últimos 10 anos. São muitas ilhas singulares ou grupos de ilhas, em contato, mas desiguais e que produzem cenas que podem tanto ser de provincianismo – o leitor Robinson Crusoe que está preso em uma ilha e faz crer que o mundo inteiro pode ser reproduzido ali – quanto de diversidade excitante – o leitor Ulisses, que parte de uma certa tradição, mas que sai em aventura, visitando outras ilhas, colecionando histórias e formas de contar histórias.

Certamente o fenômeno do arquipélago não é exclusivo do Brasil, embora tenha ganhado aqui força justamente pela precariedade do sistema literário anterior, autocentrado e isolado do resto do país. Trata-se de um fenômeno global. De certa forma, o mundo inteiro vai virando um grande arquipélago e quanto antes a crítica se atentar para isso, mais preparada ela estará para não seguir um viés veracruziano em nível global. A *Weltliteratur* contemporânea é insular e refletir sobre ela exige uma perspectiva que abre mão do continental – do sistema fechado de referências, imóvel, nacional. O arquipélago não é constituído apenas de ilhas individuais, mas de oceano e do que há nele, é uma forma móvel, um território sem fronteiras em que as ilhas negociam seus contatos constantemente. Em uma série de entrevistas intitulada justamente “Conversas do Arquipélago”, o escritor da Martinica Édouard Glissant afirma: “Os continentes nos oprimem. Eles são largos e suntuosos. Os arquipélagos possuem a propriedade de difratar, eles produzem diversidade e expansividade, são espaços de relação que admitem todas as incontáveis particularidades do real. Estar em harmonia com o mundo por meio dos arquipélagos significa habitar essa difração e, ao mesmo tempo, unir litorais e aproximar horizontes. Eles abrem caminho para um mar de errâncias: para a ambiguidade, a fragilidade, a deriva – que não é o mesmo que futilidade”.

Essa difração não precisa ser uma forma de isolamento, de distanciamento, de separação, mas uma forma mais honesta e apropriada historicamente de contato, de negociação, uma justa medida entre diferentes. Porque o arquipélago, com suas fronteiras abertas e móveis, constelação no mar, buquê de ilhas, é o espaço da riqueza, das espécies raras e únicas, das trocas aéreas pelas nuvens, das trocas submarinas, e sobretudo da relação através de corais. O poeta mauriciano Khal Torabully descreve o coral como uma imagem de pensamento possível para o descentramento marítimo e submarino que caracteriza o arquipélago literário e as possibilidades de comunicação entre as ilhas:

“O coral pode ser observado em seu habitat vivo, ao contrário do rizoma, que fica no subsolo. Além disso, permite-me desenvolver uma conectividade aglutinante, construindo por camadas, por concreção, por sedimentação, um pouco como um palimpsesto, e não apenas uma conectividade errante, mantendo o aspecto igualitário da ligação, estando aberto a todas as correntes. O coral é híbrido por natureza, pois nasce da simbiose do fitoplâncton e do zooplâncton. Não há nada melhor em termos de metáfora da diversidade. É raiz, pólipos e placa, proteico, macio e duro, e de cores diferentes. Ao mesmo tempo que está enraizado, desencadeia a maior migração da Terra, a do plâncton, visível da Lua, tal como a Grande Barreira de Corais, classificada como património mundial e gerida pela UNESCO. Este arquipélago de corais é simplesmente a escultura viva mais extensa do planeta. Assim, ao ser fixado, o coral viaja e realiza o que Deleuze e Guattari chamam de ‘sedimentação contínua’. Simboliza facilmente uma geologia da fala e uma concretização de memórias e imaginações. Coral é uma entidade sempre em progresso, sempre em formação. É da ordem da beleza frágil do mundo e continua a ser um trabalho contínuo”.

O Brasil é um? Pode ser estranho dizer que não há literatura brasileira ou literatura nacional na última década – se é que já houve. Mas não seria o mesmo que esperar que a literatura colombiana, peruana e argentina fossem a mesma, apenas por estarem no mesmo continente ou na mesma língua? O Brasil, se é que houve,

literariamente, não há mais. Quiçá, existem brasis ou brasileiros, como disse Drummond. A imagem do arquipélago ajuda a descrever estas outras formas de relação, menos rígidas do que a fronteira nacional, menos focadas na exclusão do que no contato mediado e negociado, ou seja, com fronteiras líquidas.

Sobre a década por vir cabe apenas prospecção. Resta ver se essa insularidade, em seus aspectos positivos e negativos (o provincianismo, o auto-elogio, a aversão à literatura e à crítica vindas de fora, etc.), se acentuará, culminando definitivamente no fim da literatura nacional ou se novos fenômenos literários, que circulando por muitas ilhas consigam mobilizar aspectos das distintas tradições e produzir uma literatura representativa o bastante para ter circulação nacional. Que os leitores das ilhas possam compreender e se reconhecer como leitores em um texto de outra parte do arquipélago. Um fenômeno *best seller* recente pode ser uma indicação neste segundo sentido: uma publicação que foi inicialmente recusada por uma grande editora, se tornou publicação autônoma, ganhou prêmios e em seguida um grande público pouco acostumado a ler literatura laureada. Mobiliza uma linguagem que não é dos grandes centros urbanos, mobiliza tradições que não são da tradição cristã ocidental, mobiliza personagens que não são homens brancos escritores, e ainda assim – ou talvez por isso – consegue se comunicar com uma maioria de leitores, em sua diversidade. É como Ulisses que volta para casa para contar a história de todas as ilhas em que esteve, tudo o que viu e trouxe de lá. É certo que a Odisseia seria infinitamente mais pobre se fosse apenas a história de Ítaca.

## FONTES DOS TEXTOS

- **A clandestina poesia de Facebook**  
Publicado originalmente em 01.11.2017 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/cultura/2017/11/1/clandestina-poesia-de-facebook-por-tomaz-amorim-23911.html>
- **A menstruação de Valter Hugo Mãe”, de Carla Diacov**  
Publicado originalmente em 12.01.2018 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/2018/1/12/menstruao-de-valter-hugo-me-de-carla-diacov-25243.html>
- **Maternidade e morte em “A mulher submersa”, de Mar Becker**  
Publicado originalmente em 02.10.2020 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/tomaz-amorim/2020/10/2/maternidade-morte-em-a-mulher-submersa-de-mar-becker-83562.html>
- **Ternura realista. “O livro do Martim”, de Daniel Franco**  
Publicado originalmente em 01.12.22 no jornal O Rascunho:  
<https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/ternura-realista/>
- **A libertação. “Mulher feita e outros contos”, de Marilene Felinto**  
Publicado originalmente em 01.02.2023 no jornal O Rascunho:  
<https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/a-libertacao/>
- **Ouvindo da plateia o “Solo para Vialejo”, de Cida Pedrosa**  
Publicado originalmente em 01.03.2021 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/opinioao/2021/3/1/ouvindo-da-plateia-solo-para-vialejo-de-cida-pedrosa-por-tomaz-amorim-92613.html>

- **Literatura ou série da Netflix? “Gótico nordestino”, de Cristhiano Aguiar**  
 Texto publicado originalmente em 01.04.2022 no jornal O Rascunho:  
<https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/literatura-ou-serie-da-netflix/>
- **O Sul do Brasil como “Enclave” na poesia de Marcelo Labes**  
 Texto publicado originalmente em 02.04.2018 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/2018/4/2/sul-do-brasil-como-enclave-na-poesia-de-marcelo-labes-28542.html>
- **É preciso quase amar no Méier, como Rafael Zacca**  
 Texto publicado originalmente em 24.01.2019 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/2019/1/24/preciso-quase-amar-no-meier-como-rafael-zacca-52152.html>
- **A lír(ic)a de Carlos Orfeu em “Invisíveis cotidianos”**  
 Texto publicado originalmente em 28.03.2020 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/tomaz-amorim/2020/3/28/lirica-de-carlos-orfeu-em-invisiveis-cotidianos-71743.html>
- **Poesia como estratégia de sobrevivência em “Retratos com erro”, de Eucanaã Ferraz**  
 Texto publicado originalmente em 29.10.2019 no Jornal O Rascunho:  
<https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/poesia-como-estrategia-de-sobrevivencia/>
- **A perifilia do “Perifobia”, de Lília Guerra**  
 Texto publicado originalmente em 10.05.2018 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/2018/5/10/perifilia-do-perifobia-de-lilia-guerra-31057.html>
- **“Deus devolve o revólver”, de Régis Bonvicino**  
 Texto publicado originalmente em 28.10.2020 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/tomaz-amorim/2020/10/28/deus-devolve-revolver-de-regis-bonvicino-84889.html>
- **O “Fliperama” cyberpunk de Fabiano Calixto**  
 Texto publicado originalmente em 08.09.2020 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/tomaz-amorim/2020/9/8/fliperama-cyberpunk-de-fabiano-calixto-82209.html>

- **O ridículo do falo em “O pau do Brasil”, de Wilson Alves-Bezerra**

Texto publicado originalmente em 03.01.2019 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/2019/1/3/ridiculo-do-falo-em-o-pau-do-brasil-de-wilson-alves-bezerra-37467.html>

- **A história feminina do Brasil em “Sangria”, de Luiza Romão**

Texto publicado originalmente em 22.12.2017 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/2017/12/22/historia-feminina-do-brasil-em-sangria-de-luiza-romo-24836.html>

- **Entrevista com Eduardo Lacerda, editor da Patuá: Hoje qualquer um pode montar uma editora no Brasil**

Texto publicado originalmente em 19.05.2018 na Revista Fórum:  
<https://revistaforum.com.br/colunistas/2018/5/19/hoje-qualquer-um-pode-montar-uma-editora-no-brasil-conversa-com-eduardo-lacerda-da-editora-patua-31246.html>

